

1608

1203





1608/1203.

JOÃO DE LEMOS

---

---

O

# LIVRO DE ELYSA

Fragmentos

---

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1869



## ADVERTENCIA



O Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. João de Lemos Seixas Castello Branco dignou-se conceder-me licença para publicar este escripto, já impresso na *Revista Academica*, jornal litterario e scientifico publicado nesta cidade em 1848.

Coimbra, 24 de Agosto  
de 1869.

*J. Mesquita.*



# O LIVRO DE ELYSA

## FRAGMENTOS



### I

Elysa! — Vou escrever um livro, mas um livro só para ti.

Ha de ser a traducção do pensamento revoando caprichoso por todo esse universo; ha de ser o monumento de uma longa saudade engenhosa a não desperdiçar uma hora de remanso, a não sorrir nem suspirar senão contigo; ha de ser um jornal do coração, de que tu serás o unico assignante, o unico leitor, e mais ainda o unico entendedor; ha de ser o desapertar incerto de ramalhetinhos da minha musa melancolicamente suave ou desesperada, ha de ser, emfim, o exercicio de uma devoção sublime do amor, será talvez o de um sacerdocio mysterioso, será de certo o de um martyrio de ausencia pungente.

Anjo! — este livro deve ser muito amado por ti. Quero-o á cabeceira do teu leito, no teu toucador, na mesa do almoço, no cestinho da tua costura, nos teus passeios, no theatro, no baile, na côrte, na provincia, nos risos, nas lagrimas, na esperança, no desconsôlo, na vida, na morte. Em qualquer parte, em qualquer circumstancia que te encontres, abre-o; abre-o com a crença supersticiosa do amor e da ternura, que nelle beberás uma superstição amorosa e terna, para alegrar-se e para gemer contigo.

Anjo! — este livro deve ser muito amado por ti.

Mas olha que este amor tão pedido para elle não consiste na presença inutil e preguiçosa, ou no habito indifferente e quasi que importuno, não: quero-o sempre ao teu lado, quero-o ainda mais, muito mais, ia dizendo unicamente no teu coração.

Elysa! é com este nome que me apraz escrever-te, porque uma imprudencia, um acaso natural da minha vida de mancebo podia revelar com o manuscripto a palavra sacramental do meu segredo:— o véo, que é demasiado diaphano aos meus olhos, será impenetravel aos de estranhos, e para ti é uma prova do meu egoismo ou soffreguidão, que te agradecerá.

O rei formosissimo de todos os astros nem se offende nem fica menos bello, porque a sombra ligeira de uma nuvem lhe passou pela frente.



Mulher-typo! divindade talvez, ou sonho, ou illusão, ou feitiço, ou sombra, realidade, ou nada — eu te amo! E sabes tu como é este amor? escuta:

Já viste duas pombas a devorar o espaço com as brancas azas de seda, correndo, voando, internando-se por esse azul da cupula immensa, ou pou-sando á beira d'um lago de saphiras, ditosas na sua loucura, loucas na sua innocencia, innocentes nos seus carinhos? — é o amor da pomba; é o meu amor.

Já viste ao pé dos corregos do inverno duas plantas indolentemente enroscadas, teimosas, viçosas, purissimas, cheias de gozo sem futuro, cheias de futuro no gozo? — é o amor da planta; é o meu amor.

Já viste como a rosa, voluptuosamente desabrochada no tugurio verde da sua roseira, é, ao despontar da aurora, tão festejada, tão conversada, tão abraçada, tão beijada e tão adorada pela briza? — é o amor da briza; é o meu amor.

Já viste uma criancinha, que se anda embriagando de folguedos no amanhecer da existencia, e que logo os foge, que os engeita desdenhosa, porque a mãe lhe choveu entre elles, e que desfeita em sympathia risonha, em meiguice, em requebros lhe entreabre os braços e lhe pula ao collo? — é o amor da criancinha; é o meu amor.

Já viste essa mãe carinhosa errar anhelante, desalinhada, com os pés e os braços nus, o cabello desatado, os olhos em lagrimas, o peito a ondular-

lhe, os labios roxos e convulsos, a voz embaciada de suspiros, toda ella uma louca, ou antes um mysterio, toda ella resumida num sentimento indizivel, sublime, divino, a calcar abrolhos, a transpor abysmos, a galgar têsos, a olhar, a escutar, a inquirir homens e pedras, a consultar pégadas, a ferir o rosto com uma das mãos, a esmagar os seios com a outra, e tudo em busca do filhinho, que se lhe perdera? — é o amor da mãe carinhosa; é o meu amor.

Já viste o proscripto da patria, assentado triste-mente nos pincaros de serra estrangeira, comparando cada pedaço de terra, cada arvore, cada pededo, cada passaro que lhe descanta, cada choupana, cada homem, cada povo, e os ares, e o horizonte, e as nuvens, e as estrellas, e o sol, e o céu; bradar depois pela patria, só pela patria? — é o amor do proscripto; é o meu amor.

Já viste o marinheiro, nascido e criado nas aguas, identificar-se com ellas, namorar-se do seu navio, brincar-o, enfeitá-lo, acaricial-o sempre, beijar-lhe os cabos e velame, os mastros e o leme, contente vagar pelo estendal das vagas, sorrir ás procellas, sorrir ás bonanças, anhelar de longe uma ilha toda verde, que lhe está acenando na alma, um porto fagueiro, que lhe está alvejando no pensamento, uma estrella da noite, que lhe está radiando no coração; e atirar-se assim de encantado por esse mundo sem raias, a espriguiçar-se nas sensações, a sorver delirios e melancolias suavissimas, ainda que rudes e profundas; ora cavando o pelago com olhos severos, ora analysando o concavo d'um tecto infinito com olhos meditatores; e naquella soidão de que é monarcha, com as suas endeixas e com o

seu alaúde, apinhoando lá dentro d'alma cada vez mais desprezos da terra, mais orgulho e fanatismo pelas suas campinas de crystal? — é o amor do marinheiro; é o meu amor.

Já viste o captivo encostado ao marco de pedra, quasi tão quedo como elle, com a fronte enrugada e em cada ruga um concentramento de paixão, com a vista cravada no ferro, que lhe aperta e ennodoa a perna, uma vista tão cravada, tão pegada, que a disseras um martello alli fundido por não poder despedaçar aquelle annel; e uma lagrima a resaltar-lhe das faces ao ferro, como se fôra o liquido que havia de dissolver-o, e a mão estendida e tesa, e depois um sorriso, um sorriso para a liberdade, para aquelle coração outra vez a bater sem abafamentos, para aquelles olhos outra vez erguidos, para aquelles braços outra vez seus, para aquelles pés outra vez libertos, para aquelle ar que respirava, para aquella casa, aquelles amigos, aquella vida, aquelle mundo, que lá lhe ficou? — é o amor do captivo; é o meu amor.

E já viste, finalmente, o condemnado a quem o vento do sepulchro sacode sobre a escada do cada-falso, que pende para a morte como a hastea que se murcha, e que d'alli, de sobre esse triangulo erguido para vergonha da humanidade, escarneo de Deos, e epigramma da civilisação, d'alli arremessa uma vista infinita, insondavel, incomprehensivel para a turba, que brutalmente o festeja, mas para a turba, que elle nunca mais ha de ver: para o mar, que lhe rebrame ao pé como se cantara uma nenia execravel, mas para o mar, que elle nunca mais ha de ver; para os céos, que recamados de sombras como que lhe toldam a esperança desapie-

dados, mas para os céos, que elle nunca mais ha de ver ; para a terra, que lhe floreja ao longe alegre e formosa como se o quizera insultar no ultimo transe, mas para a terra, que elle nunca mais ha de ver ; para as memorias d'um passado talvez prenhe de sangue e de remorsos, mas um passado, que elle nunca mais ha de ver ; e essa vista resumida, em fim, a luctar entre a mortalha e o vestido, entre o carcere e a corda, entre a corda e a tumba, entre a morte e a vida, alli lhe foge toda para a vida ; para a vida, que lhe matam, para a vida tão querida, tão linda e tão doce olhada do cadafalso, para a vida suspirada, gemida, e anciosamente chorada d'aquella altura tremenda, para a vida porque é sua, para a vida porque é boa, para a vida ainda que fora má? — é o amor do condemnado ; é o meu amor.

E como o amor da pomba é innocente a amar a pomba, como o amor da planta é viçoso a amar a planta, como o amor da briza é mimoso a amar a rosa, como o amor da criancinha é risonho e meigo a amar a mãe, como o amor da mãe é desalinhado e louco a amar o filho, como o amor do proscripto é gemedor a amar a patria, como o amor do marinheiro é profundo, melancolico e desprezador a amar os mares, como o amor do captivo é meditado e desejoso a amar a liberdade, como o amor do condemnado é vehementemente desesperado e terrivel a amar a vida, é assim o amor do poeta a uma mulher ; — é o meu amor.

E tu és a minha pomba, a minha planta e a minha rosa, a minha mãe e o meu filho, a minha patria e os meus mares, a minha liberdade e a minha vida! — Mulher! eu te amo, eu te amo!

Agora, Elysa, que já te paguei as primicias do livro, não só como senhora d'elle, mas como senhora da alma que o dicta e da mão que o escreve; agora que já te defini o meu amor, que mil vezes ainda será aqui definido, e que nunca o virá a ser ao cabo; agora que tu chegaste, de certo, á janella do teu quarto, e te embeveceste nos encantos da noite a recordar-te dos meus versos, deixa que me volte para a minha lyra.

São os meus segundos amores: é ella tão minha e tão formosa como tu; é a minha companheira e consoladora; é quem me ha de ajudar neste trabalho, que te destino:— plantou-m'a Deos dentro da alma para saber amar-te, como te plantou a ti no mundo para que te amasse.

Quero muito á minha lyra.

O meu primeiro pensamento ao acordar é sempre teu, o segundo é sempre d'ella; nas minhas meditações e nos meus sonhos, nos meus risos e nas minhas lagrimas, vindes sempre ambas tão casadas, tão unidas, tão irmãs, que eu não sei se és tu que me trazes a lyra, se é a lyra que me conduz a ti.

Quero muito á minha lyra.

Vou conversar com ella, e preludiar-lhe ao acaso uns sons desleixados, que lhe são queridos, um vagar delicioso por veigas da phantasia, um esquecer a delirar por saudosa noite, á margem do Mondego, sob a rama de um salgueiro.

E que mimoso luar de primavera ahi se refrange, e espalha uma poeira de prata na superficie das aguas!

É por uma d'estas noites suavissimas de luar que a natureza tem toda a lindeza de mulher.

Canta, vento do sul, teus doces cantos  
 Por concavos do val adormecido,  
 Tange n'harpa de Deos, nessas folhagens,  
 Da noite as harmonias.

Farta agora, Mondego, com teus beijos  
 As boninas, que tremulas desmaiam,  
 Que se morrem por ti na sêde louca  
 De lubricos prazeres.

Banha-me a accesa fronte, meu salgueiro,  
 De meiga fresquidão, que ha de inspirar-me  
 Desassombros do sol, da luz, do dia,  
 Que se afogou nos mares.

E tu, filha d'amor, candida lyra,  
 Um abraço dos teus cinge ao teu bardo,  
 Outro mais.... este só... agora folga,  
 Folga por céos e terra.

Amo o tibio clarão do argenteo disco,  
 Porque a luz do luar não cega os olhos,  
 Como faz a do sol, porque me deixa  
 Nesse lago d'anil, que vai sulcando,  
 Namorar-lhe a belleza;

Amo a languida côr do ingente espelho,  
 Onde os olhos d'amantes vão casar-se ;  
 Onde crêra talvez Grego engenhoso  
 Que o velho Jove, requintando as galas,  
 Ia mirar-se, rindo.

Eu amo, já pagão, na branca esphera  
 Da casta Delia envergonhado riso,  
 E já lá finjo negrejando os bosques,  
 Onde co'a turba caçadora exerce  
 Seu culto pudibundo.

Amo as rosas do céu, que se emmurhecem  
 Quando a lua vaidosa as vai pisando,  
 Amo as nuvens co'os seios bipartidos  
 De respeito alastrando eburnea senda  
 Á rainha dos astros.

Amo a grenha voando ao meteóro  
 Quando pallido foge ante os seus passos,  
 Amo tudo o que assim lhe paga um feudo,  
 Outro feudo melhor, que não meus versos  
 Engeitados da vida.

Noite! noite! que mão te ha desdobrado  
 Tão risonha e fagueira assim no mundo?  
 Do templo do Senhor és véo, que os anjos  
 De infindos orbes d'oiro recamaram?  
 És lavrado padrão da Omnipotencia,  
 Memoria erguida em campos do infinito?  
 Milhões de soes, que ostentas, serão tochas  
 Ardendo ante o teu Deos no altar immenso?  
 Serão letras d'amor com que lhe escreves  
 Nessa pagina azul o ignoto nome?  
 Tuas nuvens que são? são do thuribulo,  
 Que agitam cherubins aos pés do Eterno,  
 Queimado incenso a desfazer-se em fumo?  
 Noite! noite! quem és? d'onde has tu vindo  
 A poisar-te na terra entre mysterios?....

Não sei que ternas meiguices  
 Falla a noite ao coração;  
 Minhas horas mais felices  
 As horas da noite são:  
 Com ella na solidão  
 Suspiro amor e saudades,  
 E com ella nas cidades

Não largo a lyra da mão ;  
 Suspiro, canto d'amores  
 Entre os homens, entre as flores  
 De noite, de dia não ;  
 Porque a noite tem meiguices,  
 Porque as horas mais felices  
 As horas da noite são.

Como é lindo este Mondego  
 A brincar sobre esta arêa !  
 Como é lindo o bosque verde,  
 Que as verdes margens sombrêa !

No seu crystal derretido  
 Lá vem, á luz do luar,  
 Outro Narciso, um salgueiro,  
 Um salgueiro a namorar.

Outra Echo, a briza doida,  
 Que foi por elle engeitada,  
 Anda carpindo, e zelosa  
 Traz a limpha alborotada.

Cuida que mora lá dentro  
 Escondida uma rival,  
 E por dar-lhe invejas solta  
 Perfumes, que traz do val.

Raivosa tolda co'as azas  
 O liso espelho brilhante,  
 Cospe co'as azas, raivosa,  
 O Mondego ao seu amante.

E o pobre, por si perdido,  
Sacode a fronte singela,  
Murmura um ai ; mas teimoso  
Busca n'agua a imagem bella.

Como é lindo este Mondego  
A brincar sobre esta arêa !  
Como é lindo o bosque verde,  
Que as verdes margens sombrêa !

Como a fonte d'Ignez soluça ao longe !  
Parece inda chorar-lhe a morte escura,  
Osculando na pedra eternas manchas  
Do sangue espadanado !<sup>1</sup>

Como os cedros a côma baloiçando  
Inda vergam de dor, inda meditam  
No caso triste de memoria digno,  
Que desenterra os mortos !

Alli d'um terno amor ternos momentos  
N'aza do tempo languidos fugiram,  
Naquelle engano d'alma que a fortuna  
Não deixa durar muito !

Dos suspiros de Ignez na penedia  
Inda os echos vagando ás horas mortas  
Murmuram brandos ais, e aos sons da lyra  
Respondem gemebundos !....

Quero muito á voz solemne  
Dos echos da solidão ;  
São amigos invisiveis  
Com quem falla o coração.

<sup>1</sup> E crença muito antiga que umas pedras vermelhas, que se encontram na *fonte dos amores*, devem a sua côr ao sangue de D. Ignez de Castro.

É tão doce nestas horas  
 Poder assim conversar,  
 Ouvir do nosso queixume  
 Novos queixumes brotar !

Chamar aquella que é longe,  
 Chamar aquella que se ama,  
 E o som d'amor e saudade  
 Não morrer na voz, que a chama !

Sentar-me ao pé d'esta fonte,  
 Que tão pura se deslisa,  
 Clamando — Elysa !— e dos montes  
 Outra voz clamar — Elysa !—

Quero muito á voz solemne  
 Dos echos da solidão ;  
 São amigos invisíveis  
 Com quem falla o coração.

Mas quem pode formar taes sons no bosque ?  
 Será perdido amante a penar magoas,  
 Desprezos da que amou, desdens de bella,  
 Injurias d'um rival, ou será nympha  
 Que um ingrato engeitou, e alli chorosa  
 Inda, louca d'amor, serve aos amores ?  
 Oh ! falla, quem és tu, filho da selva ?....  
 Silencio... respondeu... maldicto vento !  
 Que só pude escutar — filho da selva !  
 Embora ! fique embora isso em segredo,<sup>1</sup>  
 Saiba-o sómente Deos !

<sup>1</sup> Não quero dizer que descreio das leis da *Acustica*; sei que ella não só explica, mas até consegue fazer *echos*:— a palavra *segredo* veio aqui para symbolisar que neste, como

Tambem segredos, que meu peito encerra,  
 Só se dizem nos céos.  
 A turba ha de escutar-me, e cada nota  
 Será nota d'amor!  
 Mas ouvidos da turba não entendem  
 Carmes do trovador.  
 Emmudece-te, ó lyra ; e tu, ó noite,  
 Apaga o teu luar,  
 Das trevas no pallor deixa-me um sonho  
 Com Elysa sonhar.

E a lua já roça as cuniadas do monte, e pouco a pouco se enterra por elle abaixo... ahi ficam agora na escuridão as margens do Mondego, tão saudosas como amante feliz na hora de um *adeos*, sellado com beijos... ahi se empoleiram as auras pelas hasteas do choupal, cançadas de abraçar a roxa fronte das violetas... já não se lhe escuta o frémito das azas nos seus brincos innocentes.... faz-se um silencio longo em toda a natureza... e só as rãs veladoras continuam na voz unisona e aguda o hymno da criação !

Elysa, é tempo de pedir a Coimbra uma casa, á casa um leito, ao leito um somno, ao somno a tua imagem.

Como o teu livro, Elysa, é fructo das horas roubadas ao remanso, e talvez ao estudo, nesta bem-aventurada Coimbra, quero fallar-te de Coimbra!

Cada povo tem a cidade da sua poesia, da sua

em muitos outros phenomenos naturaes, em se o homem remontando um pouco, chega logo ás *forças centripetas e centrifugas*, ou áquelle celebre *opium facit dormire, quia habet virtutem dormitivam*.

\*\*

imaginação, dos seus amores; cada povo aponta para uma terra, que a tradição vestiu de galas, e diz — lá, lá! oh! que não ha nada mais bello!

O portuguez aponta para Coimbra.

É das recordações d'esta cidade que o velho se nutre, e nutre os filhos ao serão do seu lar: — quando eu estava em Coimbra! eis-ahi o exordio de todas as aventuras de um pae; e a saudade, tingindo de roxas e mimosas côres todo o discurso, engrandecendo tudo, louvando tudo, e chorando por tudo, leva o ancião á peroração de rigor — não ha já tempo como o meu tempo de Coimbra!

Para o amor maternal é a terra dos seus sustos, porque é a terra dos rapazes; mas nesses mesmos sustos, no longo esperar do abraço filial encarnou-se não sei que doce sympathia para aquella cidade, que faz chorar e rir toda a casa; é o gosto amargo da saudade, é o

Delicioso pungir d'acerbo espinho <sup>1</sup>.

Dizei a um aldeão que lhe ides contar uma historia de Coimbra, e logo o tereis quedo, pendente de vossos labios, já certo do maravilhoso, ou do travesso do vosso conto.

Perguntae ás amantes por Coimbra: haveis de vêl-as córar, como tu agora córaste, Elysa; e depois responder com um suspiro envergonhado — oh! Coimbra!.... e o resto que lá fica em seu pensamento será uma inveja, mas não é desamor para a terra que anda sempre casada ao amanhecer e anoitecer de seu coração.

<sup>1</sup> Garrett.

Perguntae ao mancebo, que só ouviu o que vai pelas margens do Mondego, sem nunca ter pisado as suas arêas de oiro, perguntae-lhe por seus desejos, e elle vos dirá simplesmente — se eu podesse ir a Coimbra! e ahi deixa resumido o scismar de longas horas.

Até a sciencia e as letras olham sempre para Coimbra como para a terra da promessa;— a nossa esperança, dizem ellas, cada dia, cada anno, cada seculo, a nossa esperança está lá!

Se aqui vierdes, ouvireis, é certo, a muitos dos que se assentam ao caír da tarde no *Penedo da Saudade* a curtir magoas de ausente, ouvir-lhe-heis maldições contra Coimbra; não os acrediteis, não; é aquelle absurdo do coração humano, é aquella saciedade na posse, é o nunca-satisfazer dos desejos do homem, o desprezo do que já tem, trocado pelo anhelar do que ainda espera; mas, se fordes inquirir esses mesmos, uma hora antes de deixarem Coimbra para sempre, ou elles não têm alma afinada para as melodias da terra, ou elles vos dirão com as lagrimas nos olhos — podera eu nunca deixar Coimbra! É que lhes ficam aqui as horas mais descuidosas, mais doces, mais felizes da mocidade; é que lhes ficam aqui as amizades, que não morrem mais, a liberdade, que mais não volta, e estes ares purissimos, este céu purissimo, estas aguas purissimas, esta Coimbra unica!

Ah! como lhes ha de apparecer em sonhos este archanjo de pedra assentado no seu tapete de flores! Coimbra!... hão de descobri-la de longe, vestida de branco, morbida, formosa, voluptuosa, modesta, a metter seus pés de marmore na prata do Mondego; a devassar o seio das nuvens com o capacete da sua

..

torre, como se fôra estatua de Minerva; com seus braços estendidos a afogarem-se em açafate de esmeraldas; com a sua ponte orlada de vultos negros, que se debruçam na corrente como os salgueiros da margem; com a cintura azul de mil outeiros, que ao longe fecham o seu largo horisonte; com toda esta belleza, este encantamento, esta femiidade de donzella, esquecida na relva d'um prado a tanger um hymno d'amor, com os olhos no céu!

Ahi tendes então os blasphemos arrependidos: Coimbra não é só a tortuosidade e estreiteza de suas ruas, não é o som lugubre do seu sino fatal, não é o suspirar por quem vive longe, não é nada d'isto; é a terra das suas saudades, é a saudade da sua poesia, é a poesia da sua vida!

Se um d'esses homens for poeta... e quem ha que o não seja depois do baptismo da sombra d'estes salgueiraes, do perfume d'estes campos, do crystallino d'este ambiente, da doçura d'estas aguas, da verdura d'estes montes, da fresquidão d'estas brizas? aqui a poesia bebe-se pelos olhos, pela bocca, pelos ouvidos, sem o querer, sem o cuidar, sem o sentir; cada pedra, cada tronco leva inspirações ao amago do seio, que desatina a cantar como a zagala ao desabrochar do dia, ou como a avesinha, que saúda a primavera; aqui murmura melodias o ciciar da aragem nas flores da collina; o scintillar da lua quando num tecto de saphira pende accessa como lampada de sanctuario; o ardor do sol, quando se alastra em diamantes por cima do estendal da arêa; o echo a responder sonoro ás palmas d'um folgado; a vara do barqueiro a resvalar nos seixinhos do rio; o lavadoiro da *tricana*, que geme debaixo dos seus golpes, menos duros porque os acompanha uma cantiga

de amores! — até os nomes dos sitios têm aqui uma suave harmonia, como preludio de canção, que deixa adivinhar-lhe toda a lindeza!.... Mas não vês, Elysa, como eu vou longe do que ia dizendo? era Coimbra, que me arrebatava nas ondas da sua poesia; foi uma nova prova do seu poder; — voltemos porém ao primeiro proposito.

Se um d'esses homens for poeta, irá assentar-se no limiar da sua porta, quando a tarde vai caíndo nos braços da noite, e alli o vereis a cantar; segui-lhe o canto... não ouvis? aqui fallou d'aquella fonte,

Que lagrimas são a agua e o nome amores; <sup>1</sup>

alli gemeu com a desditosa *Castro* á sombra dos cedros seculares; agora um som festival lhe escapa ao recordar-se da *Lapa dos Esteios*, onde se lhe escoaram deleitosos momentos por sobre alcova de violetas e boninas; logo suspira nas cordas da harpa aquella *Maria Telles* tão sem ventura, a quem a mão do esposo ceifa a rosa da vida no descuido da noite; lá se lhe accende o estro na labareda do entusiasmo, porque se recordou d'aquelle cavalleiro d'antes quebrar que torcer, <sup>2</sup> que fecha as portas da cidade ao rei cheio de vida e de poder, e leva as chaves d'ellas ao rei sem vida e sem nada; eil-o depois encostado ao tumulo de D. Sisnando, a misturar nos seus versos o saudoso da religião, inspirado pela fronte carcomida da cathedral veneranda que viu nascer a patria, e que tem visto morrer tantos seculos!

<sup>1</sup> Camões.

<sup>2</sup> Martim de Freitas.

Olhae como vos diz que Coimbra é

Cidade rica do sancto  
Corpo do seu rei primeiro,  
Qu'inda vimos com espanto  
Ha tão pouco tempo inteiro  
Dos annos que podem tanto.<sup>1</sup>

Silencio... não vêdes como lhes resumbram no seu  
cantico uns nomes tão feiticeiros...

*Da saudade o penedo!* que amores  
Á minh'alma, aos meus olhos não é!  
Lindo cesto de graça e verdores,  
Verde ramo do monte ao sopé.

*Dos suspiros a gruta* mais longe  
Recolhida se foi meditar.  
Só poeta, só ave, só monge  
Póde á gruta os segredos vulgar!

E aqui lhe escapa depois no fundo arrebatado do  
pensamento grave um nome grave como elle — o  
*Penedo da Meditação!* mas de volta para a cidade  
para diante da gradaria soberba de soberbo jardim  
erecto pelas mãos sagradas d'um Bispo<sup>2</sup> e exclama

Salve, terra mimosa! a ti meu canto  
A ti meu coração, minhas saudades!

<sup>1</sup> Sá de Miranda.

<sup>2</sup> D. Francisco de Lemos, Bispo de Coimbra.

E o echo, ou de cortez, ou de agradecido, responde-lhe de dentro do arvoredo o derradeiro verso

A ti meu coração, minhas saudades!<sup>1</sup>

Que é tudo isto, Elysa? que é todo esse cantar d'aquelle homem já longe de Coimbra? Não é, não póde ser, não ha de ser nunca outra coisa senão o transumpto das perolas, que a patria de *Sá de Miranda* lhe engastou na alma, e que a memoria ha de vasar sempre do seu thesouro todas as vezes que o poeta pegar na lyra.

Elysa, eu amo muito esta formosa terra!

É o coração de Portugal, onde á vontade se resolve o seu sangue mais ardente. Que viver este do mancebo com o mancebo!

Crença nas palavras e nos sentimentos; sentimentos e palavras cheias de verdade e de força; amor e enthusiasmo por tudo o que é nobre e grande; confiança nas idéas e nos homens; communhão quasi primitiva de bens e de tudo; homogeneidade de tendencias; existir nos outros, pelos outros, e para os outros; toda a virtude de quem entra na vida com muita fé no futuro: eis-ahi o viver do mancebo com o mancebo debaixo d'este céu de Coimbra!

Elysa, eu amo muito esta formosa terra!

Depois de ti, da minha lyra... não, não quero que Coimbra seja o terceiro affecto do meu coração, mas quero querer-lhe bem, porque é um querer que ella merece.

Oh! se te eu vira um dia, Elysa, assentada co-

<sup>1</sup> Este echo do jardim botânico de Coimbra repete um verso heroico inteiro.

migo nas ruínas do mosteiro da *Rainha Sancta* <sup>1</sup>, e d'alli, depois de haveres passado teu alvo braço á roda do meu pescoço, te esquecesses a contemplar Coimbra, como Coimbra se esquecera, tambem com seu braço lançado ao pescoço do monte, a pasmar na tua face d'anjo; se a viras tão linda a retratar-se no Mondego e a sorrir-se para o céo, oh! que tambem tu havias de amar muito Coimbra!

Elysa, eu bem comprehendo que tu antes quizerás que o teu amante ausente praguejasse a terra que lhe rouba a sua Elysa; crês que a delicadeza do sentimento pedia antes isso, seja assim: mas consente aos poetas mais uma liberdade, deixa-os dizer o que os outros calam por traiçoeiros; não vale mais esta franqueza? O coração foge para *o bello* como a mariposa para a luz; que culpa tem elle? que póde elle, se ha de por força amar *o bello*: —é um amor fatal. Mas, se te queres vingar d'esta fatalidade, Elysa, vem, vem comigo assentar-te nas ruínas do velho mosteiro, que tu olharás para Coimbra, e eu olharei para ti.

.....  
 .....

## II

O nascer e o morrer d'um dia formoso; a profecia do sol e o seu derradeiro adeos; o ensaiar dos canticos das aves, e o desfallecer d'esses canticos, que passam e morrem nas tranças da floresta; as

<sup>1</sup> A Rainha Sancta Isabel, mulher d'El-Rei D. Diniz.

aguas, que reflectem o raio que se levanta; as aguas que reflectem o raio que se deita; os echos que despertam; os echos que adormecem; a treva que se adelgaça e a treva que se condensa; o crepusculo da manhã e o crepusculo da tarde, são duas horas gêmeas nos encantos, na suavidade, na doçura, nas inspirações.

Elysa, será um erro, uma superstição talvez; mas eu creio que todo o pensamento nobre, grande, generoso, sublime, que tem brotado da cabeça do homem, numa d'estas duas horas é que foi concebido.

Quando o homem, á luz duvidosa da manhã ou da tarde, se assenta no viso d'um monte, na alcatifa d'um valle, na margem d'um rio, no limiar d'uma porta, e d'alli, pairando com a vista entre a terra e o céu, abrange todos os objectos sem se fixar em um só; ouve todos os sons sem escolher um só; sente todas as sensações sem definir uma só; quando o coração, enfeitado nestas horas pelo incerto da luz, dos objectos, dos sons, e das sensações, parece embalar-se no peito e adormecer, oh! então, Elysa, então é que o homem conversa com a Divindade, então os ouvidos da creatura ouvem as palavras do Creador!

É por uma donosa madrugada que eu agora escrevo no teu livro, Elysa: é ella que do seu throno de verdura me está dictando este capitulo;— que não possa transportar eu para estas paginas essa pagina tão bella do livro do Eterno! Ainda o sol não desgastou das ondas o seu rosto em braza; uma luz frouxa, crystallina, mimosa, perfumada, espraia-se, como um regato, por sobre toda a natureza, enrosca-se á volta de todos os seres alastrando de esmeraldas a terra e de saphiras o céu; aquelle mur-

murar monotono, pesado, o enfadonho do dia ainda se não escuta ; e as brizas folheando na selva levam de cada folha um som, e lá nas alturas compoem um hymno para Deos !

Elysa, deixa que os ricos da fortuna e os poderosos da terra nasçam, vivam, e morram sem nunca terem visto a face da madrugada ; fatigou-os a noite no bulicio dos saraus e das orgias, deitaram-se quando o dia se alevantava ; deixa que elles ignorem, que elles não gozem o brilho suavissimo da mais rica perola do diadema do mundo, deixa-os, e vem tu comigo assistir em espirito á festa de todos os dias, ao desabrochar da madrugada :

Eil-a trajando verdores  
A linda mãe dos amores,  
Com seus volateis cantores  
Pelos campos a folgar ;  
Eil-a folgando na mata,  
Que nas aguas se retrata,  
Nas aguas de lisa prata,  
Na prata do liso mar.

Salve, rainha formosa !  
Festeja-te o lirio, a rosa,  
Dos jardins a mariposa,  
Do trovador a canção ;  
Festeja-te a pastorinha,  
Que nas côres te adivinha  
Um pensamento que tinha,  
Que tinha no coração.

D'aldêa o sino te chama,  
 E o moço, que deixa a cama  
 Porque vai ver a quem ama  
 Ao pé da encosta d'alem ;  
 Suspiram-te sempre os montes,  
 Abraçam-te os horisontes,  
 Choram-te rios e fontes,  
 Nas fontes d'amor, que têm.

Bemdiz-te o velho, e ensina  
 Á neta, que é pequenina,  
 Rezas sanctas da divina  
 Crença, que tem no Senhor  
 Bemdiz-te o armento balando,  
 Do tomilho o cheiro brando,  
 E o pegureiro cantando,  
 Cantando magoas d'amor.

Vem, ó linda madrugada,  
 Vem de violetas c'roada,  
 Pelas brizas embalada,  
 Vem nestes campos folgar ;  
 Folga nos céos e na mata,  
 Que nas aguas se retrata,  
 Nas aguas de lisa prata,  
 Na prata do liso mar.

Todo o mundo parece corar de puro gozo, parece que sorri com o sorriso da felicidade quando o primeiro albor da manhã lhe corre com mão de jaspe a cortina da noite ; é a amante carinhosa, que vai despertar d'um sonho d'afflicção o amante adormecido com um beijo na fronte :— Elysa, se por cada um dos meus sonhos d'afflicção tivesses de me dar

um beijo, quantos beijos me não devias! e crê que então não quizera eu sonhar outros sonhos.

Mas como são cheias de galas e de thesouros, para os olhos do corpo e para os olhos da alma, estas horas do alvorecer do dia! O ar que respiramos é mais puro e embalsamado; uma harmonia deliciosissima desferida nas harpas dos bosques, dos rochedos e das aguas, reproduz-se inteira nas cordas intimas do seio, e a poesia acode voluntaria aos labios; é uma poesia ensinada pelos anjos, porque só falla de Deos; é a verdadeira poesia.

De todos os argumentos mais gratos ao espirito, mais poderosos, mais energicos para demonstrar ao homem a existencia d'um Deos, o mais grato, o mais poderoso, o mais energico é a contemplação da natureza. De todas as horas do dia as melhores e as mais bellas para esta contemplação são as horas do crepusculo da manhã e da tarde:— não sei que delicioso anhelar, que doçura saudosa anda então no pensamento, que nas azas da meditação nos arrebatava para o céo, e nos desata as cadêas mesquinhas da vida mesquinha da terra!

Os raciocinios da philosophia convencem quando demonstram a realidade da causa primaria, mas a natureza faz mais: depois de convencer gera o amor; o coração não póde deixar de amar a origem das maravilhas que admira. E não sabes, Elysa, qual é a obra das mãos de Deos, que mais me tem convencido da sua existencia? Vais talvez dizer-me que são esses mares a revolvrem-se noite e dia á roda dos continentes, esses mares cujas gottas são letras, cujas vagas são syllabas, cujos bramidos são palavras, que dizem — existe Deos! Vais talvez dizer-me que são as montanhas e os promontorios

erguidos como braços da terra apontando para o firmamento! Vais talvez dizer-me que são esses milhões de mundos luminosos gravitando no espaço, e traçando no manto azul da esphera a historia da Omnipotencia! Enganas-te! olha para o teu espelho, Elysa, e lá verás a minha prova mais bella, a minha prova mais segura da existencia de Deos!

O Senhor quiz no teu rosto,  
 Quiz o impio confundir,  
 Quiz dos céos todo o composto  
 N'um só ponto resumir;  
 Nos olhos pôz-te as estrellas,  
 Inda mais lindos do que ellas  
 Os vejo d'amor fulgir;  
 Poz-te nas faces a aurora  
 Poz o sol no teu sorrir,  
 E nas tranças côr d'amora  
 Fez negra noite cair;  
 Que o Senhor quiz no teu rosto,  
 Quiz dos céos todo o composto  
 N'um só ponto resumir.

Na verdade, Elysa, ver o teu rosto e descrever da Divindade seria o absurdo do atheu positivo; não, não cuides que o atheismo passe dos labios; ha lá dentro do atheu um sentimento, uma voz intima, uma quasi fatalidade, que, mau grado seu, o arrasta e o convence: mas que haja um só tão desgraçado, que o haja que, mercê da minha dama, lhe provarei que mente apontando-lhe para a tua face;— a minha Elysa não podia ser fructo de um

acaso estúpido, a minha Elysa é a victoria do Eterno!

E que mais formosa... mais não, a perfeição não tem gráus, que formosa não és tu quando nestas horas da manhã ou da tarde te embeveces a meditar com a fronte encostada á mão, os olhos na immensidade, e o peito arfando brandamente, como superficie de lago ao bafejo das auras! que formosa!

Nunca viste nos teus sonhos de innocencia o teu anjo da guarda a contemplar socegado o socego da tua alma, tão pura como elle? Imagina a tua lindeza pela do teu anjo, assim como pela tua lindeza tenho imaginado a de todos os anjos!

Que formosa não és tu nessas horas!

O pagão se te vira assim na alvorada d'um dia de primavera erguia-te um altar e chamava-te *Vesta!* Cuidaria ver-te conduzindo pela mão as *Estações* e o *Amor*; veria as choréas das *Nymphas* á volta do teu carro tirado por soberbos leões; veria os *Ventos* adormecidos ao teu lado, e *Ceres*, *Pomona*, e *Flora* a cingirem-te a fronte com uma corôa de rainha!—o pagão erguia-te um altar e chamava-te *Vesta*.

Mas no teu templo, minha *Vesta*... minha Elysa, — enganei-me — no teu templo não seriam as donzellas romanas que conservariam o fogo immortal; ahi o sacerdocio seria todo meu, a chamma immortal estava no meu coração.

Se fosse á hora da tarde que o pagão te visse, que te visse naquelle estado que suspende a alma entre o prazer e a dor, naquelle estado que então te exorna como uma aureola mystica; que te visse como a violeta da varzea, recatada do mundo e

rica e feliz na solidão onde reinas, se elle te vira, em vez de te chamar *Vesta*, chamava-te a *Melancolia*.

E o pagão chamava-te um bem doce nome! Fôras uma Deusa bem suave, bem mimosa ao coração: *Melancolia*! que mais feiticeira ficção tem o paganismo para te offerecer? que mais puro, mais arroubado, mais ineffavel, mais divino sentimento ha ahi na terra?

Mais que o prazer, que a alegria,  
 Mais que a risonha emoção,  
 É mais doce ao coração  
 A doce melancolia!  
 Como é bello, quando o dia  
 Se afoga no salso mar,  
 Sobre ignota penedia  
 Ir co'as vagas conversar!  
 Ir sósinho suspirar  
 Juncto a fontinha sonora,  
 E nos prantos que ella chora  
 Ir aprender a chorar!  
 Como é bello então scismar  
 N'uma scismada ventura,  
 E aquelles sonhos sonhar  
 Nunca fartos de ternura!  
 Como a harmonia se apura  
 Nas cordas da meiga dor  
 Quando a rola da espessura  
 Poisa n'harpa ao trovador!  
 Quando uns gemidos d'amor,  
 Gemidos que não sabia,  
 Sáem da harpa, e ao redor  
 O echo lh'os repetia!

Como então mais que a alegria,  
 Mais que a risonha emoção,  
 É mais doce ao coração  
 A doce melancolia !

Elysa, se o pagão te chamasse a *Melancolia*, o pagão chamava-te um bem doce nome !

E as horas da melancolia são as horas da tarde.

Aquelle tibio da luz ; aquelle horisonte dourado e bordado de nuvensinhas diaphanas côr da espuma dos mares ; aquelle hymno immenso da terra, que se vai perdendo, perdendo ao longe por seios de cavernas ; aquelle vôo da ave, que nos passa por cima da cabeça ao ir aninhar-se na roupagem da montanha ; aquelle canto da zagala, que vem do prado com os seus cordeirinhos tão alvos como ella ; aquellas brizas perfumadas, que então andam a folgar nas aguas do rio, ou na relva das margens, e que nos vêm depois roçar as faces com a ponta da aza melindrosa ; aquelle rugir da folha secca e caída debaixo dos pés do viandante cançado ; aquellas vozes confusas que se escutam no casal, que augmentam, que diminuem, que recrescem, e finalmente morrem no silencio ; aquelle agoireiro latir do lebreu repetido pelos echos do valle ; aquelle fatigado carpir do carro lá ao longe ao subir das encostas ; e o sino da aldêa, que no alto da serra está assentada, como pastorinha esquecida a meditar amores ; e os céos azulados a vestirem pouco a pouco o manto das sombras ; e as sombras a desdobrarem-se nos campanarios ; e os campanarios a perderem-se da vista ; e a vista a resumir-se no coração ; e o coração a afogar-se inteiro no saudoso da tarde, e a tarde com todas as suas galas.... oh ! como tudo isto falla á

alma uma linguagem ignota, e a deixa naquelle estado scismador em que as lagrimas são mais doces do que os risos do prazer!

As horas da melancolia são as horas da tarde.

Elysa, a mythologia esqueceu-se de nos dizer em que hora do dia tinha nascido o *Amor*; eu só nesta hora mysteriosa da tarde quizera que elle tivesse nascido; não podia, não devia nascer noutra hora. Não vês tu como ao cair da noite vem sempre um suspiro pendurar-se nos labios em busca d'um irmão a quem se abraça? não vês como é então que a mulher desatina a cantar sem o cuidar, sem o sentir, sem o querer talvez, e como que respondendo a outra voz que a chama? não vês como a donzella, com todos os affectos ainda em botão virginal, começa de adivinhar um segredo, um segredo lindo, que lhe anda entre nuvens no pensamento?

Coração de mulher, qual Philomela,  
 É todo amor e canto ao pé da noite:  
 Do amante a voz então entra mais branda,  
 Mais grata, mais feliz, dentro do peito;  
 Toldam sombras o pejo, as faces podem  
 Osculadas córar sem que o triumpho  
 Lá veja o vencedor escripto em rosas;  
 Melhor se escuta o frémito dos labios  
 Suspirando d'amor, pedindo amores:  
 Póde o *sim* mais sumido então colher-se,  
 Fingir que foi acaso a mão tocada:  
 O rigor feminil, desdens, orgulhos,  
 Da tarde a viração leva-os nas azas.

Elysa, se tu não fôras unica na terra, se não fôras  
 o archanjo impeccavel que me Deos mandou dos

\*\*\*

céos para eu crer devéras na virtude, tremeria com a idéa — bastava a idéa — de te veres a sós com um mancebo por tal hora do dia:— é a hora dos amores.

Mas tambem é a hora da religião; não ha momento em que a alma de melhor vontade se eleve para Deos: a oração, Elysa, é tão consoladora, tão cheia de balsamos neste momento! Guarda as tuas preces para esta hora, e dize-me depois se não pensas que as sanctas do céo vieram com mais alegre semblante ajuntal-as no regaço, como flores de maio, e leval-as mais velozes aos pés do Senhor!

A oração é o resultado do amor; o amor é o resultado do conhecimento d'aquelle que se ama; que melhor ensejo queres tu para conhecer o Creador? Esse mesmo véo, que te vai envolvendo quanto enxergas, esse mesmo é uma das suas mais formosas maravilhas:—o silencio que se vai fazendo em toda a criação parece que é feito para que o homem falle; calou-se tudo para que fallasse o monarcha da terra ao monarcha da terra e do céo! Elysa, para te ouvirem as rezas os mesmos anjos se calariam; devem de ser um hymno tão melodioso, tão lindo como o que elles cantam, tão fervoroso como o d'elles, tão angelical como tu mesma!

Se vivessem hoje os Paladinos cortezes, se ainda por esse mundo andassem os namorados cavalleiros da idade média, que á ponta de lança vingavam e desmentiam as injurias feitas á belleza, não haveria tanto escriptor, tanto philosopho e poeta, que des-acatasse as mulheres.

A logica d'aquelles tempos era valente, tinha argumentos de *ferro*, que não havia resistir-lhes; se então sáisse á luz um livro desleal e villão, logo o auctor sentiria bater-lhe no rosto um guante de cam-

peador, e retinir-lhe nos ouvidos um *mentes!* d'aquelles, que sempre deixavam uma baihna vazia, ou um nome infamado. Hoje não; hoje diz-se e escreve-se impunemente quanta loucura e descortezia lembra; tem-se dicto das mulheres o que esqueceu a Mafoma, com ser elle dos mais grosseiros *devotos*, que nunca jámais ellas tiveram. Que de cousas doidas, Elysa, não tenho tambem eu dicto e escripto para ahi a respeito das mulheres?! mas agora cuido que d'esse mal estou curado e desculpado — não tinha encontrado uma só Elysa: e a quem a não encontra que lhe digam que andam anjos na terra? não o acredita. E já que tu foste quem me fizeste renegado, já que a ti devo a minha nova crença, quero que seja o teu livro, Elysa, o campo onde levante pendão pelo teu sexo; mas antes d'isso consente que eu desculpe alguma cousa o meu erro; — não se póde assim deixar um velho defeito sem ter ao menos duas palavras para lhe diminuir o feio, para lhe minorar a reputação.

No dizer mal das mulheres não ha tanta maldade como parece, e d'isto me convencem duas cousas; não as ter nunca visto *devéras* agastadas com os maldizentes, e serem elles sempre os seus maiores adoradores; — é que ellas bem comprehendem que nessas offensas vai mais amor que odio, é que elles só offendem porque amam. Parece um absurdo, mas que haja coração d'amante capaz de o não admittir, não ha.

Injurias de philosophos, essas não sei eu que se possam justificar ou sequer defender; é gente que tem todo o seu viver na cabeça, gente de gêlo, gente capaz de *constipar*, como disse um Italiano fallando das mulheres da Polonia, e por isso elles

..

offendem porque não amam, offendem porque algum raciocínio bastardo pode nelles mais do que a natureza. Um philosopho ha de dizer-te, Elysa, em tom dogmatico que *as mulheres não pertencem ao genero humano*<sup>1</sup>, ha de fallar com toda a seriedade a favor d'essa these brilhante no concilio de Mâcon,<sup>2</sup> ha de escrever que ella é um ente imperfeito na sua organização, e, contente com pertencer á humanidade só pelo lado paterno, cravará a fronte entre as duas mãos, e ficará diante d'um *in-folio* abysmado na sua intellectualidade unilateral!

Injurias d'estas, Elysa, não têm perdão; abandono os philosophos á tua colera.... ao teu desprezo queria dizer.

Agora poetas, isso é outra casta de gente. Dir-te-hão, é certo, cousas terriveis, dir-te-hão:—

«Mulher pura e fiel não ha, nem houve!

«.....

«Raça infame de viboras dolosas

«Podesse uma só náu contel-as todas,

«E o piloto fosse eu.....<sup>4</sup>

que havia de fazer? deixa lá dizer ao poeta o que quizer; mas crê que se elle fosse o piloto guiava de certo a náu a porto de salvamento. Não ha gente

<sup>1</sup> *Mulieres homines non esse*. Dissert. anonym. d'Acidalius,—Paris 1693, in 12.

<sup>2</sup> Gregor. Turouens. Hist. Franc.

<sup>3</sup> D'anciens philosophes et des médecins, tels qu' Hippocrate, Aristote, ont aussi regardé la femme comme un être imparfait, un demi-homme. *Virey—De la Femme*, chap. 1.<sup>or</sup>, pag. 15.

<sup>4</sup> A. F. de Castilho—*Ciumes do Bardo*.

mais trovejadora em suas iras que são os poetas; com a penna na mão todas as vezes que se enfurecem temos *vesperas sicilianas*; mas, chegada a occasião, vem logo absolvição papal. Embora te diga que não ha mulher, nem houve, pura e fiel, não é cousa em que elle creia; o poeta é todo coração; coração de poeta, se não amasse, morria lhe no peito, e amar sem crer na mulher é impossivel. Não sei se *Milton* disse mal das mulheres, o que sei é que elle casou tres vezes.

Elysa, poetas são outra casta de gente que não são os philosophos.

Queres tu ver como elles fallam quando não é o ciume que os inspira? queres ver com que delicadeza se elles desculpam das faltas passadas? ouve: — «Um sôpro divino formou a alma do homem, a da mulher de um beijo delicioso deveu ser formada.... custa a crer como um ente, que é metade da nossa especie, que das duas é a mais amavel metade, a mais carinhosa, em tantas cousas nosso equal para nos attrair, mas com tantas differenças de nós para se nos unir ainda mais; que, se tem defeitos, de nós os recebe, e nos dá em troca sem o cuidar tantas das virtudes que possuímos, custa, digo, a crer como um tal ente, a quem sua propria fraqueza devêra tornar inviolavel, pôde ver-se em todos os tempos, e provavelmente continuará a ser até ao fim dos seculos, alvo e emprego das criticas mais desabridas, e mais grosseiras calumnias..... Qual pôde ser a causa d'esta mais que monteziha ferocidade?..... é a causa o mesmo natural instincto, que faz que os soldados em tempo de guerra, seroando entre as armas á fogueira ociosa do seu rancho, encareçam as derrotas do inimigo,

e lhe assaquem fraquezas que não tem, para a si proprios accrescentarem animos e determinação para as futuras pelejas — »<sup>1</sup>.

Ora eis ahí a linguagem dos poetas quando *trans-fugas dos arraiaes dos levantados se recolhem ás trincheiras d'ellas*; — todos esses libellos, que lhes saem das mãos, não são d'elles; é o anjo negro, diabolico, sinistro do ciume que lhes espremeu fel no tinteiro, e escreveu em nome e por conta dos pobres poetas.

E quem não perdoará os furores do ciume?! não sei até se elles são necessarios. *Ovidio*, que passa por mestre em tacs materias, aconselhou-os porque traziam comsigo a *redintegratio amoris*, a doçura da nova paz; e tão longe leva elle o conselho, que permite chegar o amante enfurecido a despedaçar os vestidos da sua bella ingrata; tambem *Molière*, que não foi sempre francez com as damas, tambem elle os desculpa e se desculpa dizendo: — «ne savez vous pas que les injures des amants n'offensent jamais; qu'il est des amours emportés aussi bien que des doucereux; et qu'en de pareilles occasions les paroles les plus étranges, et quelque chose de pis encore, se prennent bien souvent pour des marques d'affection, par celles même qui les reçoivent? — ».<sup>2</sup>

Não sei se *Molière* quiz adoptar o principio de *Ovidio* naquelle *quelque chose de pis encore*; mas o que um e outro quizeram foi cobrir o ciume com as azas do amor: se eu pretendesse para isso uma auctoridade mais competente do que aquelles dous poetas

<sup>1</sup> A. F. de Castilho—*Primavera, Notas á Festa de Maio.*

<sup>2</sup> *La critiq. de l'Écol. des Femm.* Sc. 7.

talvez a tivesse <sup>1</sup>. O que é certo porém, Elysa, e seja com isto que eu dê mate á minha defesa, o que é certo é que por isso mesmo que na mulher se pretende a perfeição, é mister não a lisongear sempre; e o achar todas egualmente sem defeito não sei se é maior prova de indiferença que de amor.

Está pois decidido que os poetas são muito melhores do que os philosophos, e que no seu dizer mal não ha injuria comparavel áquella injuria fria, tremenda, meditada, e infinitamente falsa de que *as mulheres não pertencem ao genero humano*:—quem os tivera feito nascer das hervas! Estes taes não quizera eu nem que as tetas das lobas os alimentassem.

Nunca taes homens souberam  
Ler na face da mulher,  
Em seus olhos aprender  
Nunca taes homens quizeram.

Não viram manar-lhe a flux  
Dos labios celeste riso?  
Não viram do paraíso  
Nos olhos accessa a luz?

Não é d'anjo a voz macia,  
Que, vencendo almo pudor,  
Te diz ternura e amor  
Com tão mimosa harmonia?

<sup>1</sup> Á Sr.<sup>a</sup> Marqueza d'..... uma das mais instruidas e amaveis damas que tenho visto, ouvi eu que em materia de ciúme era permittido a um homem levar a sua colera até al-

Aquelle encanto só seu,  
Graças e mimos só d'ella,  
Aquelle rosa tão bella  
Não vem do rosal do céo?

A quem á terra só veiu  
Por te servir, por te amar,  
D'irmã tua lhe chamar  
Parece que tens receio? <sup>1</sup>  
Se o teu orgulho não quer  
Chamar anjo á formosura,  
Deixando ingrata loucura,  
Chama-lhe ao menos mulher.

Não pertence á humanidade  
Dizes tu, impio! e não vês  
Do seio cair-lhe aos pés  
Humanada a Divindade?!  
Se em ti a crença inda tem  
Algum poder, pensa n'isto,  
Pensa tu que Jesus-Christo  
Foi homem por sua mãe.

O que é admiravel, Elysa, é que na mesma epocha em que se dizia em França que *a mulher não tinha alma*, appareceram *Isabel de Baviera e Joanna d'Arc*: aquella entregou a França á Inglaterra para mostrar o poder d'uma mulher; esta deu

guma pequena acção violenta. O sexo, a madureza da idade, a penetração, e conhecimento do coração humano, que esta senhora possui, dão-lhe direito a ser muito respeitada a sua sentença.

<sup>1</sup> Até *Plinio* se não pejou de lhe chamar animal.

de novo a patria aos philosophos para mostrar a generosidade feminina; foi Deos que se encarregou de as desafrontar.

Se philosophos e poetas tivessem estudado a mulher: a mulher physica, a mulher intellectual, a mulher moral, já nem syllogismos nem versos lhe seriam tão contrarios; mas que? são como o Marquez que Molière nos pinta; nem se dão ao trabalho de examinar o que sentencêam, e depois — « je la trouve détestable, morbleu! détestable, du dernier détestable, ce qu'on appelle détestable — »<sup>1</sup>.

A mulher physica achal-a-hiam na physiologia moderna (na de *Hippocrates* não), achal-a-hiam tão perfeita como o homem; e se algum d'estes entes deve ser preferido pela delicadeza e maravilhoso da organização, essa preferencia cabe á mulher, sem contar todavia a belleza externa, nem a graça das fórmas.

A mulher intellectual haviam de encontral-a em *Sapho*, *Heloiza*, *Catharina*, *Semiramis*, *Staël*, *Sevigné*, *Coulanges*, *Lafayette*, *Bernier*, *Flaugergues*, e tantas outras, que têm regido o sceptro ou a penna com gloria mais que varonil: os preceitos do bello inspirava-os *Aspasia* a *Socrates* e *Pericles*, *Ninon de Lenclos* a *Condé* e *La Rochefoucault*:— sem a mulher os conhecimentos do homem seriam imperfeitos; elle descobriria o que na natureza ha de forte, de grande, de sublime; mas a graça, o mimo, a delicadeza só pela mulher podia ser descoberta. A litteratura carece de imaginação, e a mulher tem na imaginação a principal natureza da sua alma; aqui a vantagem é toda d'ella:— até se não for ella quem povôe o coração do homem das

<sup>1</sup> *La Critiq. de L'Écol. des Femm.*—sc. 6.

illusões do amor, aonde irá elle encontrar as galas da sua litteratura? Entregue ao positivismo da vida material, sem o fogo imaginativo, de que flores ha de encher os seus livros?

A litteratura e as artes têm sempre devido á mulher ou joias suas, que lhes façam o diadema, ou protecção e influencia, que as augmentem e desenvolvam: foi na côrte de *Catharina de Médicis* que *Henrique o grande*, aprendendo a amar, aprendeu tambem aquellas maneiras nobres e cavalleirosas, que distinguiram o seu reinado, dando á sua lingua uma graça e polidez, que não tinha. O gosto e sentimento delicado para as lettras e artes, que *Maria e Catharina de Médicis* levaram da Italia para França foram a origem do desenvolvimento das artes e das lettras do seu tempo. E não seria á influencia que as mulheres tiveram na côrte de Luiz XIV, que se deveu então essa lista immensa de homens celebres, com que a França se honra, e que o mundo estuda e admira? E não será para agradar á mulher que o homem gera a industria, inventa o canto, a dança, a pintura, amenisa a linguagem com as flores da poesia, traça com esmero, e torna affaveis e doces suas maneiras e costumes? A mulher intellectual não existe só em si, existe nos outros tambem; não se contenta com as suas creações, instiga os outros a crear; e é considerando reunido o que a alma da mulher pode tirar de si propria, e o que a mulher concorre para as producções da alma do homem; é considerando reunido num só ponto o que a mulher é em si e no homem, que eu a vejo tão sublime, tão elevada, que, senão tivera o lado moral para a olhar, já por este lhe podia chamar anjo.

A mulher moral porem é que é a mulher, ou a

mulher da mulher. Ou a nós vejamos na sua condição de amante, de irmã, de filha, de *mulher* e de mãe; ou a consideremos no prazer ou na dor, na ventura ou na miseria; ou contemplemos o que pode pela mulher ser o homem, em quem é sempre ella que imprime a virtude ou o vicio no coração; ou a analysemos no seu throno, que é na vida de familia, ou na hasta publica da vida de sociedade; ou a vejamos na infancia ser a alegria da casa, na juventude ser as delicias do amor, na madureza ser a consolação da alma, e na velhice ser a mestra da virtude; ou seja que nos abrace ou que nos fuja, que nos afague ou que nos reprehenda, que nos ame ou que nos aborreça, a mulher moral é a parte mais augusta da creação.

—« A mulher moral é o infinito —» disse um illustre escriptor<sup>1</sup>; e na verdade só assim se pode definir o mysterio da mulher moral!

A mulher é o elemento mais poderoso da ventura social, mas a mulher moral é o elemento dos elementos. Indagae a origem dos ciumes e, com leves excepções, achal-a-heis na educação, isto é, na mulher; vêdes uma boa acção? Procurae-lhe a fonte, e encontrareis a mulher; talvez que não haja no mundo um só facto, cujo principio ou fim, se bem o averiguarmos, não seja a mulher: —« os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam —» disse *Rousseau*<sup>2</sup>, e disse uma grande verdade; porque antes que o homem seja cidadão é filho primeiro. A mãe dos *Gracchos* e dos *Corneilles* tinha uma alma nobre, grande e severa; a mãe de

<sup>1</sup> A. F. de Castilho—*Primavera, Notas á Festa de Maio.*

<sup>2</sup> *Émile*—Liv. 5.<sup>o</sup>

*Voltaire* era escarnekedora e de garridas maneiras; a de *Byron*, até nem os defeitos physicos do filho escapavam á sua maldade; *Kant* dizia que fôra sua mãe quem lhe lançara na alma o germen do bem e quem primeiro lhe inspirara o amor do Creador, explicando-lhe o que sabia das maravilhas da natureza<sup>1</sup>; *Cuvier* deveu a sua mãe os successos brilhantes da sua vida illustre<sup>2</sup>; *Barnave* já com um pé sobre o cadafalso bemdiz sua mãe, que lhe deu na infancia o valor que alli o anima; *Lamartine* aprendeu nas harmonias do coração materno as harmonias da sua harpa piedosa; em fim, *Elysa*, se após estes nomes tão respeitaveis e tão illustres é permittido citar o meu pobre e desconhecido nome, sirva elle de mais uma prova, porque o pouco, o muito pouco, de bom que em mim tenho é unicamente a minha mãe, é a ella só que eu o devo.

Que Augusta não é pois a missão da mulher sobre a terra! Ah! que se philosophos e poetas meditassem bem no que é a mulher, e, sobre tudo, no que ella pode ser, não haveria um só que não visse nesse ente o oásis mimoso dos desertos da vida! Mas elles não curam de tal: arrancam desapiedados as pennas alvissimas ás azas do cherubim, e depois, vendo-a assim tão ao nivel das cousas da terra, descrêem d'aquillo mesmo em que não souberam crer; andastes errados: acreditae primeiro, sabei o que é a mulher, e depois julgae-a.

Em quanto não fizerdes isto, sereis sempre uns inimigos desleaes e traiçoeiros; tomareis a nuvem por Juno, e direis do phantasma da mulher o que

<sup>1</sup> Schoen—*Biograph. de Kant.*

<sup>2</sup> *Memoires sur Georges Cuvier*—Mistr. Lee.

pensais dizer da mulher como ella saíu das mãos de Deos, quando viu que não era bom que o homem vivesse só:—dizei embora o que quizerdes, mas da mulher como a concebo e como ella existe, por mais rios de tinta que derrameis, nunca podereis provar a maldade senão com aquellas razões com que o citado Marquez da peça de Molière provava a maldade de *L'École des Femmes*—» elle est détestable parce qu'elle est détestable—»<sup>1</sup>.

Em toda a parte em que o teu sexo, Elysa, não occupa o lugar que lhe a natureza marcou, ahí os povos são escravos, a ignorancia é profunda, e os costumes são barbaros. O adorador de Mafoma compra a mulher, *veda-lhe* a entrada no céo, prohibe-lhe a leitura dos livros religiosos, afasta-a do tracto commum, e deixa-lhe só nos ferros do harem os erros da superstição e os absurdos da feiticeria: que se segue d'aquí?— que a tyrannia é no Oriente um principio, que a civilisação é nulla, e que a moral é uma palavra sem significação. Cuidou o Musulmano que, fazendo da mulher uma machina, tinha creado a felicidade para si; a felicidade só ella a ha de crear, mas é mister que livre e desassomburada, rainha e não escrava, possa, como a pomba da primavera, adejar sobre a cabeça do homem, ensinar-lhe as aguas mais puras onde deve matar a sede, e a relva mais macia onde se deve assentar; só a mulher sabe, como a abelha, quaes são as flores que dão mel, mas não lhe hão de crestar as azas na chamma da impureza, que então, materializado o amor, o homem e a mulher perderão a faisca da divindade que os extremava do resto da creação;— «ou

<sup>1</sup> *La Critiq. de l'Écol. des Femm. sc. 6.*

os povos se hão de embrutecer em seus braços, ou civilisar a seus pés — »<sup>1</sup>. Não é com todos os pensamentos cravados na materia que a mulher pode dar ao homem a felicidade; o Oriente não comprehendeu a mulher.

Que terá a filha do propheta para dar á alma do homem quando os sentidos estiverem saciados?—a ignorancia, as paixões mesquinhas, as astucias, os vicios todos da ociosidade, e, na consciencia da sua inferioridade, a tristeza da escravidão, ou as traições d'um inimigo.

E o amor? Oh! esse nunca; esse não sabe morar num calabouço.

Ao cioso mahometano  
 Que vale o fechado harem,  
 Se amor de escrava a tyranno  
 Do coração lhe não vem?  
 Que importam centos de bellas,  
 Se uma só de todas ellas  
 Livre em seu gosto não ha?  
 Que importa matar desejos,  
 Que importam, louco! esses beijos,  
 Se só vendidos t'os dá?

Com alma núa d'esp'ranças,  
 Como ha de a escrava saber  
 Que alem de jogos e danças  
 Tem mais gozos a mulher?  
 D'esses gozos não sabidos

<sup>1</sup> Aimé Martin—*Educat. des Mér. de Fam.*

Como ha de trazer-te enchidos  
 Os dias que vão e vêm?  
 Se, dos paes perdida a trilha,  
 Ella não sabe ser filha,  
 Como ha de saber ser mãe?

Embora os astros lhe apontes,  
 Embora mostres os céos,  
 E uma a uma lhe contes  
 As maravilhas de Deos,  
 Ha de dizer-te — que importa?  
 Se eu tenho fechada a porta  
 Que leva ao reino da luz?  
 Que importa, se em vida e morte  
 Sou proscripta, e minha sorte  
 Nunca propicia reluz?

Lá quando a dor te accometta,  
 Quando rir teu coração,  
 As filhas do teu propheta  
 Pranto e risos te darão.  
 Ouvirá co'os teus ouvidos,  
 Sentirá co'os teus sentidos,  
 Viverá no teu viver?  
 Oh que não! — solta-lhe os ferros,  
 Despe-lhe a alma dos teus erros,  
 E a escrava será mulher.

FIM.









